



Sesctv

Janeiro/2015 - edição 94
sesctv.org.br/aovivo

DOCUMENTÁRIO
**A VALORIZAÇÃO
DE COSTUMÉS,
RITUAIS E
TRADIÇÕES
XAVANTE**

ISTAMBUL
AGORA
A DIVERSIDADE MUSICAL
DA TURQUIA EM CINCO
SHOWS INÉDITOS

DANÇA
DADAÍSMO INSPIRA
COREOGRAFIA DO
BALLET STAGIUM



Policarpo Quaresma

Espectáculo do CPT - Centro de Pesquisa Teatral do Sesc, baseado na obra de Lima Barreto, com direção de Antunes Filho



Foto: Emídio Luisi

dia 20/2, às 23h

direção para TV: Fabíola Braga

Acompanhe o SescTV:
sesctv.org.br



SescTV

ESPAÇO DE ENCONTRO

Estar em contato com ritos, costumes e culturas diferentes é uma experiência engrandecedora e, ao mesmo tempo, algo desafiador, na medida em que nos coloca frente a frente com outras formas de ver e interpretar o mundo e as próprias relações humanas. Nesse sentido, mergulhar no universo do outro, compreendê-lo em seu contexto, sem julgamentos e expectativas, pode se tornar tarefa árdua, especialmente num tempo de urgência na busca por respostas e definições. Assim, a linguagem audiovisual torna-se, também, ferramenta de aproximação das diferenças e de estímulo para novas percepções.

É este o convite que o SescTV faz neste mês, com a exibição do documentário inédito *Dasiwa'uburéze – Nossa Cultura*, direção de Cristina Flória e Wagner Pinto. O filme acompanha e registra os rituais de uma aldeia xavante no Mato Grosso e levanta questões atuais desse povo, como a preocupação dos mais velhos em manter as tradições, as mudanças nos hábitos alimentares e os conflitos com agricultores, na defesa de seu espaço.

Na faixa musical, destaque para a estreia do projeto Istanbul Agora, que traz, em cinco shows inéditos, a diversidade sonora da Turquia. Na série Dança Contemporânea, o Ballet Stagium apresenta o espetáculo *Figuras e Vozes*, cuja coreografia se inspira no movimento dadaísta.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista a diretora e produtora Cristina Flória, que fala sobre os bastidores da realização do filme *Dasiwa'uburéze – Nossa Cultura*. O artigo do escritor e pesquisador Elmo Frankfort relembra a trajetória da TV brasileira, da fase do preto e branco até os dias atuais. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

CAPA: Documentário *Dasiwa'uburéze – Nossa Cultura*
Foto: Cristina Flória

ÍNDICE

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4

ENTREVISTA – Cristina Flória 8

ARTIGO – Elmo Francfort 10

Identidade indígena

FOTO: CRISTINA FLÓRIA



A distância entre gerações e a aproximação com o homem branco intensificaram a preocupação de líderes e anciãos indígenas em resgatar e manter vivas as tradições, os costumes e as memórias ancestrais. O povo xavante da aldeia Pimentel Barbosa, em Mato Grosso, por exemplo, faz rituais periódicos para que crianças e jovens entrem em contato com a história e a cultura da tribo. “Temos que manter a nossa identidade. O resgate nos fortalece, e os mais velhos estão indo embora. Devemos saber conviver com essas influências [externas]”, destaca o cacique da aldeia, Tsuptó Xavante.

Entre os rituais promovidos na Terra Indígena Pimentel Barbosa, estão o Canto dos Guerreiros; a Corrida de Tora de Buriti; a Nomeação das Mulheres; e a Luta do Oi’ó. Antigamente, segundo integrantes da tribo, alguns ritos eram feitos na sequência, em até cinco dias. Hoje são realizados em momentos distintos. Da Corrida de Tora, participam adultos de ambos os sexos, separadamente, carregando enormes troncos de madeira sobre os ombros e se revezando em grupos. Na Nomeação das Mulheres, as índias recebem um novo nome, sonhado pelos homens, e passam a usá-lo. Já na Luta do Oi’ó, que ocorre na época das chuvas, meninos

de dois clãs xavante – Poredza’õno (girino) e Öwawê (rio grande) – combatem entre si, desferindo golpes com uma raiz de planta. Segundo eles, é nesse momento que as crianças revelam traços da personalidade e do caráter e conhecem a dor, o medo e seus limites. Assim, são identificados potenciais líderes e guerreiros.

Os membros da tribo, que se autodenomina A’uwê Uptabi (povo verdadeiro), também preservam costumes de pintura e enfeites corporais da etnia. No corpo e nos cabelos, passam tinta preta e vermelha, adornam a cabeça com penas e o pescoço com um colar. “Usamos este enfeite em todos os rituais e quando vamos caçar. É uma tradição que vai de geração para geração”, explica o ancião Sidowi – ou Barbosa, seu nome em português. Os homens passam, ainda, um pó branco nos fios negros, na parte de trás da cabeça, “para sonhar os cantos, impedir conflitos e manter a mente em paz”, segundo os índios. Apesar de todo o apego à cultura, os xavante de Pimentel Barbosa já usam bermudas e calçados, têm noções de português, acesso a recursos tecnológicos e passam por mudanças nos hábitos alimentares, levando parte da população ao sobrepeso. “Nossa alimentação tradicional está acabando”, diz o ancião Sereburã Xavante. Além disso, a expectativa de vida caiu, há falta de caça, por causa da plantação intensiva de soja na região, e casos de alcoolismo.

O SescTV exibe neste mês o documentário *Dasiwa’uburéze – Nossa Cultura*, sobre os índios xavante de Pimentel Barbosa. As gravações foram feitas entre o fim de 2012 e novembro de 2013, durante os rituais. O filme é uma realização do SescTV, com direção de Cristina Flória e Wagner Pinto.

**DASIWA’UBURÉZE – NOSSA CULTURA,
COM DIREÇÃO DE CRISTINA FLÓRIA E
WAGNER PINTO, MOSTRA COSTUMES DE
TRIBO XAVANTE EM MATO GROSSO**

▶ DOCUMENTÁRIO

Dasiwa’uburéze – Nossa Cultura

Dia 30/1, às 23h

Entre riquezas e guerra

FILME MAESTROS DE RIBEIRA, NO CURTADOC ALÉM-MAR



Um país com uma forte identidade cultural, rico em geografia e biodiversidade, cercado por cordilheiras, Amazônia, Caribe e Pacífico. Fronteira com Brasil, Peru, Equador e Venezuela, a Colômbia é pátria de nomes famosos nas artes, como o pintor Fernando Botero, o Nobel de Literatura Gabriel García Márquez e a cantora Shakira. Apesar de todo esse colorido e exuberância, o país vive há meio século uma luta sangrenta entre paramilitares, exército, guerrilheiros, narcotraficantes e indígenas. Ao todo, mais de 220 mil pessoas já foram vitimadas, 30 mil desapareceram e 15 mil foram sequestradas.

Essa guerra fratricida, que começou com uma onda de violência, manifesta disputas políticas, territoriais e por justiça. “Antes, a guerrilha eram grupos de baderneiros, camponeses. Depois, assumiu um caráter político e quis um diálogo de paz. Mas cometeu um erro ao atacar o Palácio da Justiça, todos morreram, e o processo de paz acabou”, explica a cineasta Marta Rodríguez, diretora dos documentários *La Voz de los Sobrevivientes* (A Voz dos Sobreviventes), de 1980, e *No Hay Dolor Ajeno* (Não Existe Dor Alheia), de 2012. Segundo ela – que registra a luta indígena na Colômbia

há mais de 45 anos –, a guerrilha então se armou com o narcotráfico e todos os ideais de mudança se transformaram em povoados arrasados, sequestros e mortes.

O curta-metragem *La Voz de los Sobrevivientes*, dirigido em parceria com Jorge Silva, retrata o momento, no início dos anos 1970, em que se desenvolvia no país uma luta camponesa para reivindicar direitos como a recuperação de terras tomadas por terceiros, a aplicação de leis indígenas, a ampliação de reservas e a defesa da história, da língua e dos costumes nativos. A reação de donos de terras e autoridades foi imediata, e a Anistia Internacional foi à Colômbia para ouvir declarações de cidadãos perseguidos, presos e torturados pelo Exército.

Já o documentário *No Hay Dolor Ajeno*, feito por Marta ao lado de Fernando Restrepo, mostra uma dura realidade em que grupos armados usam a população civil como escudo humano e as crianças são ensinadas a fugir de balas e ajudar colegas feridos. “São irmãos que brigam uma luta que não é sua e cujos lucros alimentam uma elite colombiana racista e eurocêntrica”, afirma Nildo Ouriques, professor de relações internacionais e economia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O SescTV exhibe neste mês o episódio *Especial Colômbia*, da série CurtaDoc. Na programação, estão ainda *Muitos Anos de Vida*, dia 6/1; *Além-mar*, dia 13/1; e *Caminhos do Campo*, dia 20/1. Direção de Kátia Klock.

ESPECIAL COLÔMBIA REÚNE DOIS FILMES SOBRE PAÍS LATINO-AMERICANO ARRASADO PELA GUERRILHA E PELO NARCOTRÁFICO

▶ CURTADOC

Terças, 21h

Muitos Anos de Vida

Dia 6/1 **L**

Além-Mar

Dia 13/1 **L**

Caminhos do Campo

Dia 20/1 **L**

Especial Colômbia

Dia 27/1 **16**

Toques da Turquia

KARSU DÖNMEZ. FOTO: 5600K



Com mais de 2,5 mil anos de existência e 14 milhões de habitantes, a maior cidade da Europa e da Turquia, Istambul, é a única do mundo a ocupar dois continentes: Europa e Ásia. Por conta disso, a antiga Bizâncio e Constantinopla – capital dos impérios Bizantino, Romano e Otomano – reúne tradições do Ocidente e do Oriente, valores ancestrais e capitalistas, e religiões como o islamismo, cristianismo e judaísmo.

Realizado em 2012 e 2013, o festival Istambul Agora trouxe para São Paulo importantes nomes da música, das artes visuais, do cinema e do teatro turcos, em apresentações nas unidades do Sesc Pompeia, Araraquara e Cinesesc. Esses artistas circulam entre a tradição cultural e a modernidade, sintetizam a ousadia desta época e afugentam qualquer estereótipo possível.

A cantora e compositora holandesa de origem turca Karsu Dönmez, por exemplo, tem apenas 24 anos, mas já mostra maturidade na voz e versatilidade ao tocar piano e escaleta. Interessada pela música desde criança, sob influência dos pais, Karsu começou no estilo clássico, ouvindo Chopin e Beethoven, porém, em uma viagem a Nova York na adolescência, apaixonou-se pelo jazz. “Na música clássica, você tem as partituras, precisa tocar igual ao que está escrito. Mas no jazz você pode fazer o que quiser. Isso é muito legal”, compara a cantora,

que já subiu ao palco de festivais e até do prestigiado Carnegie Hall, nos Estados Unidos.

Com o passar do tempo, Karsu foi se voltando para suas raízes, a música sufi otomana. Seu primeiro álbum de estúdio, *Confession*, de 2012, fez sucesso instantâneo. O disco mescla vários elementos e inclui desde canções próprias até faixas turcas, como *Çok Uzaklarda*. Na primeira visita ao Brasil, Karsu ampliou o repertório e tocou a bossa nova *Manhã de Carnaval*, de Luiz Bonfá e Antônio Maria, na qual arriscou um trecho em português. “Entrei em contato com esse ritmo no conservatório, e pensei: ‘E se eu misturá-lo com música turca?’ Foi exatamente assim que gravei, em um estilo bem brasileiro”, conta. A banda que a acompanha é bem diversificada: reúne o húngaro Dániel Mester, no sax e clarinete; o alemão Benjamin Rheinländer, na bateria; o holandês Thomas Pol, no baixo acústico; e o surinamense Orville Breeveld, na guitarra.

A performance vigorosa de Karsu Dönmez inaugura o especial musical Istambul Agora, que o SescTV exibe a partir deste mês, durante cinco quartas-feiras, às 22h. Na sequência da programação, estão o músico turco Kudsi Erguner; a banda Wonderland; o artista Mercan Dede; e os DJs Baris K e Tomash e o grupo Ayyuka. O projeto Istambul Agora tem direção para TV de Daniel dos Santos.

SESC TV EXIBE CINCO SHOWS DO PROJETO ISTAMBUL AGORA, DESTACANDO A DIVERSIDADE MUSICAL DO PAÍS EURO-ASIÁTICO

▶ MÚSICA ISTAMBUL AGORA

Quartas, às 22h **L**

Karsu Dönmez
Dia 14/01

Kudsi Erguner Ensemble
Dia 21/01

Wonderland
Dia 28/01

Mercan Dede Secret Tribe
Dia 04/02

DJ Baris K, Ayyuka e DJ Tomash
Dia 11/02

Dadaísmo em passos e sons

FIGURAS E VOZES. FOTO: ALEX RIBEIRO



Uma roda de bicicleta, um mictório e uma Monalisa com bigode foram alçados à categoria de arte e ganharam espaço em museus por um movimento de vanguarda surgido na Suíça, em 1916, em meio à Primeira Guerra Mundial. Ao transformar qualquer objeto em uma obra artística e palavras ou sons aleatórios em poemas, o dadaísmo contestou o conceito, o sentido e a função da própria arte, além de fazer uma dura crítica à burguesia, ao capitalismo e ao consumo desenfreado. O movimento, representado por nomes como o francês Marcel Duchamp, o alemão Hugo Ball e o romeno Tristan Tzara, espalhou-se para outros países da Europa e para os Estados Unidos, mas durou apenas seis anos – tempo suficiente, porém, para se refletir em correntes posteriores, como o surrealismo e a *pop art*. Segundo fundadores do dadaísmo, o termo “dadá” foi escolhido ao acaso e não tem nenhum significado, mas há quem relacione esse *nonsense* às primeiras sílabas proferidas por uma criança ao aprender a falar.

Inspirado nessa estética do século XX, o Ballet Stagium, fundado há 43 anos em São Paulo, criou a coreografia *Figuras e Vozes*. “As figuras são o dadaísmo, e as vozes são as contemporâneas, que eu reputo como cantoras dadaístas, como Tetê Espíndola e Marlui Miranda”, explica o diretor e coreógrafo do balé, Décio Otero. “É um tema forte, mas ao mesmo tempo é uma brincadeira. Na literatura dadaísta, são sons que não querem dizer nada e, ao mesmo tempo, é um protesto, uma revolução”, completa. A também diretora teatral da companhia, Marika Gidali, acrescenta: “Como a gente sempre contestou através da nossa arte, acho que o dadaísmo foi fantástico para este momento”.

A coreografia começa com um rei de fralda e coroa de papelão, sentado em um trono em forma de vaso sanitário, com um pacote de papel higiênico usado

como binóculo. Revezam-se no palco bailarinos e personagens excêntricos, quase surreais, como um Super-Homem com máscara de Homem-Aranha e gestos de Tarzan; uma figura vestida com roupa e capuz vermelhos carregando a bandeira da revolução em uma mão e uma arma na outra; e um operário com chapéu de penico e traje de bailarina. Para conceber o projeto, os autores também tiveram influência dos poemas dadaístas *Karawane*, de Hugo Ball, e *A Batalha*, de Ludwig Kassak. O espetáculo *Figuras e Vozes* será exibido neste mês pelo SescTV, na série Dança Contemporânea, com direção geral para TV de Antonio Carlos Rebesco.

MOVIMENTO DADAÍSTA INSPIRA COREOGRAFIA FIGURAS E VOZES, DO BALLET STAGIUM

▶ DANÇA CONTEMPORÂNEA

Sextas, 21h

Nossos Sapatos – Luiz Fernando Bongiovanni

Dia 2/1 **L**

Figuras e Vozes – Ballet Stagium

Dia 9/1 **L**

Cascas D’Ovo – Lander Patrick

Dia 16/1 **12**

A Pele da Máquina – Grupo Ângelo Madureira & Ana Catarina Vieira

Dia 23/1 **L**

Imprimi Potest – J.Gar.Cia

Dia 30/1 **L**

“Não é um trabalho sobre os índios, mas com eles”

FOTO: LAURA ROSENTHAL



Cristina Flória é formada em Ciências Sociais e atua na área audiovisual. Dirigiu os documentários com temática indígena *A'uwê Uptabi – O Povo Verdadeiro* (1998), *Piõ Höïmanazé – A Mulher Xavante em sua Arte* (2008) e *Dasiwa'uburéze – Nossa Cultura* (2012/2013). Seu engajamento com a questão do índio começou no fim dos anos 1980, e o contato com a etnia xavante se estende por mais de 20 anos.

**COSTUMA-SE PENSAR NESTA
POPULAÇÃO COMO UMA CULTURA
ÚNICA, MAS O PAÍS REÚNE
MAIS DE 200 POVOS E MAIS DE
270 LÍNGUAS DIFERENTES**

Em 2008, você dirigiu para o SescTV um documentário sobre as mulheres indígenas. Como foi essa experiência? Meu relacionamento com o povo xavante começou com os homens da tribo, principalmente com os anciãos, pois são eles que falam português, tomam as decisões políticas e fazem a intermediação com as mulheres. No universo xavante, as mulheres e crianças têm uma relação mais distante do mundo exterior. E eu, como mulher, tinha muita curiosidade sobre o ambiente feminino indígena. Até começar a gravar, foi um longo processo, conheci as lideranças da aldeia, fui me aproximando e estabelecendo uma relação de confiança com elas. Então foram escolhidas 12 mulheres da tribo, de várias gerações, que já haviam passado por rituais de iniciação. Registramos o casamento de uma, o dia a dia de outra, as responsabilidades delas na comunidade, os desejos, as obrigações. Elas trabalham muito, são o núcleo familiar e têm um cuidado todo especial com as crianças.

O documentário Dasiwa'uburéze – Nossa Cultura tem alguma relação com esse primeiro filme?

Sim, esse trabalho faz parte de uma trilogia. O primeiro foi sobre as mulheres xavante, o segundo – feito em parceria com Wagner Pinto – aborda os rituais e o terceiro, ainda em fase de projeto, será sobre as crianças da tribo. O nome *Dasiwa'uburéze* remete a todos os rituais e à cultura da etnia. Os anciãos vão morrer e estão preocupados com as novas gerações, com a forma como elas vão sobreviver, revitalizar-se e ao mesmo tempo manter esses ritos, apesar de todas as interferências. Nesse sentido, o documentário audiovisual é uma ferramenta para a comunidade, pois não é um trabalho sobre os índios, mas com eles. A maioria das imagens dos dois filmes foi feita por cinegrafistas da tribo, com um olhar de dentro.

O foco de Dasiwa'uburéze – Nossa Cultura são os rituais indígenas. Por que jogar luz nessa questão?

O universo dos anciãos xavante está intimamente vinculado com os rituais, que são o fundamento da tradição e da cultura indígenas, explicam a criação dos mitos, o surgimento do Sol, da Lua e a origem do povo. Os rituais também estão ligados ao meio ambiente, às estações do ano, às plantações e às épocas de chuva ou seca. E são relatados no documentário pelos próprios

anciãos, pois eu não queria perder essa forma de contar, que fala de um tempo ancestral. Além disso, os desenhos que aparecem no filme foram feitos por um xavante.

Quais foram as principais dificuldades logísticas para produzir o documentário?

Fiz três viagens para gravar e em cada uma permaneci de 12 a 20 dias, no Mato Grosso. Ficamos hospedados em um antigo posto da Funai, uma casa de alvenaria onde também funciona uma escola e uma farmácia. Esse espaço pertence à aldeia Pimentel Barbosa, e da primeira vez que eu fui não havia energia elétrica, fizemos tudo com gerador. Agora tem luz, já tomamos banho quente, facilitou a vida da comunidade. Dormimos em barracas individuais, cozinhamos ali e usamos equipamentos próprios e alguns da tribo, que os índios utilizam porque estão mais acostumados. Registramos tudo em mini DV, com captação em full HD. Todo o processo de produção levou cerca de um ano e meio, e não dá para fazer em menos tempo, porque tudo está ligado ao meio ambiente e às estações.

Durante as gravações, houve algum conflito cultural?

Não, porque eles estavam conosco o tempo todo, participaram ativamente do processo, do começo ao fim; analisavam tudo, consentiam, davam *feedback*. Em relação à língua, havia interlocutores e tradutores da própria tribo, pessoas que saíram da aldeia para estudar em escolas de Ribeirão Preto (SP), aprenderam português, conheceram o mundo “warazu” – como nós, “estrangeiros”, somos chamados – e se tornaram peças-chave dentro da comunidade. É preciso levar em conta que o primeiro contato dos xavante com o homem branco ocorreu no fim da década de 1940, então é relativamente recente. Por isso, procuramos intervir o mínimo possível, pois a comunidade já vive em uma situação difícil. Faltam alimentos, a caça está cada vez mais rara e há muito desmatamento, plantações de soja e pastagens de gado em volta. A cidade mais próxima fica a 40 quilômetros da aldeia, e é lá onde eles fazem compras no supermercado, com a ajuda de benefícios sociais como aposentadoria rural e Bolsa Família. Além disso, cultivam frutos, arroz, feijão, melancia, mandioca, mamão e outros alimentos para subsistência. Nestes anos de contato, vi o Mato Grosso se acabar, andamos horas sem avistar uma única árvore, existem ilhas verdes de devastação. Acabaram com o cerrado, só o encontramos nas áreas indígenas, onde há um cuidado com a preservação da natureza. É por isso que essas terras são tão cobiçadas, porque concentram muitas riquezas. Outro problema é o enorme desconhecimento no Brasil sobre a questão indígena,

FOTO: LAURA ROSENTHAL



pois se costuma pensar nessa população como uma cultura única, mas o país reúne mais de 200 povos e mais de 270 línguas diferentes.

Qual a sua opinião sobre o espaço dado à difusão das causas indígenas na televisão?

Acho que ainda é pequeno, teria que haver muito mais divulgação, não só dos índios xavante, mas dos guarani, dos ianomâmi. A TV é um veículo imediato e de grande alcance, e as pessoas têm muita curiosidade sobre os índios, mas ainda se baseiam em estereótipos, acham que, se eles usam roupa, carro, internet ou celular, deixam de ser indígenas. Só que a cultura é dinâmica, e o índio pode se atualizar e se reinventar sem perder sua identidade, suas raízes e a noção de onde veio e o que deseja. Não podemos querer que eles vivam em uma redoma, pois estão cercados pelo outro. Se você os mantém fechados, é aí que mata esse povo e sua cultura. Nós, warazu, precisamos vê-los com respeito, para haver uma troca, e não uma interferência violenta.

Como esses filmes podem ajudar na ampliação desse debate?

O documentário ajuda muito, porque leva elementos novos para outras comunidades indígenas também. O *Piõ Höïmanazé*, por exemplo, foi exibido em escolas de outras aldeias, que não conheciam esses xavante, então houve uma troca muito interessante. Isso também incentivou mais comunidades a revitalizar sua cultura e a trabalhar com as novas gerações. Em relação ao *Dasiwa'uburéze*, os mais velhos de Pimentel Barbosa já viram o resultado, e os demais devem conferir-lo neste ano.

**NÓS, WARAZU [NÃO ÍNDIOS],
PRECISAMOS VÊ-LOS COM RESPEITO,
PARA HAVER UMA TROCA, E NÃO
UMA INTERFERÊNCIA VIOLENTA**



A televisão em nossas vidas

Televisão: um meio de comunicação muitas vezes enigmático – não apenas no seu modo de ser, mas nos registros que é capaz de fazer e de guardar. Realizada em produção industrial, é contínua e com conteúdo cada vez maior. Ela guarda o dia a dia de cada um de nós, numa quantidade de registros muito maior que a produzida pelo cinema. Na radiodifusão, ela só perde em agilidade para o rádio, mas ganha no que diz respeito ao registro de imagens em movimento (na difusão de conteúdo, a internet corre em paralelo, mas busca a convergência). A televisão é, ainda hoje, um membro da família, presente nas casas brasileiras desde 1950, acompanhando nosso desenvolvimento por mais de seis décadas.

Foi pensando nessa importância, dentro do nosso convívio, que me interessei em pesquisar a história da TV, realizando um mergulho a partir de um panorama geral em que a TV estava inserida quando nasceu (em preto e branco); quando passou a usar a tecnologia em cores e quando se tornou digital. O futebol, a moda, os costumes, a política, a infância e seus brinquedos, a economia, a tecnologia, os carros do ano, o rádio... Três momentos do Brasil totalmente diferentes, em 1950, 1972 e 2007.

A primeira fase, chamada também da TV em preto e branco, teve início oficial em 18 de setembro de 1950. Foi quando surgiu a PRF-3 TV Tupi-Difusora, canal 3 de São Paulo. Ela reinava sozinha e seu maior desafio era competir com o meio que a gerou: o rádio. O nome era "Tupi-Difusora", porque foi criada por essas duas emissoras radiofônicas, ambas dos Diários Associados. A primeira concorrente direta só surgiu dois anos depois: a TV Paulista (atual TV Globo São Paulo), em 1952. Um ano depois, em 1953, foi a vez da TV Record. Foi um início marcado por muita criatividade dos profissionais que descobriam o novo meio com uma vontade incrível. Grandes clássicos da literatura mundial, por exemplo, foram transformados em teleteatros. Era uma TV para a classe "A", também com orquestras e operetas. A popularização veio apenas em meados da década de 1950. Na TV daquele período, toda a programação era transmitida ao vivo. O videoteipe só passou a ser usado no início dos anos 1960. Satélite? Apenas em 1969. A TV em rede ainda era um sonho! A TV testemunhou grandes acontecimentos, como a chegada do homem à Lua, em 1969, com 100% dos televisores ligados.

Já a televisão em cores só viria depois de mais de dez anos de experiências, oficializada em 31 de março de 1972. O maior problema naquele tempo não eram as questões tecnológicas, mas as questões políticas e ideológicas. Sobre a tecnologia, demorou-se para definir qual padrão de TV em cores seria escolhido, optando-se por uma modificação do modelo alemão, o nosso "PAL-M". Já nas questões políticas, tínhamos intervenções do regime militar, que comandava o país, e, no campo ideológico, uma discussão enorme pela falta de qualidade no conteúdo da TV. Debateu-se muito e, felizmente, por conta do fascínio dos telespectadores pelas cores, o caminho escolhido foi o de um conteúdo com mais cuidados técnicos e artísticos. A TV Globo se sobressaía cada vez mais, disputando o espaço da TV Tupi (que faliu em 1980).

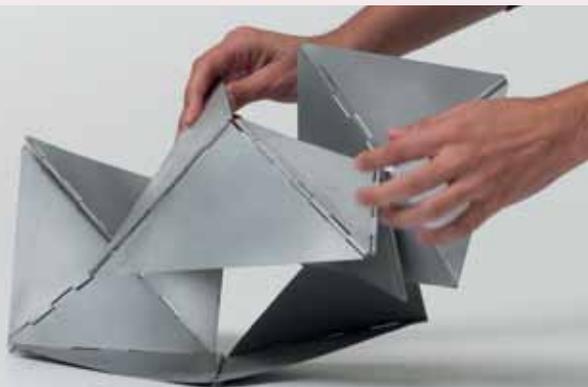
Os avanços tecnológicos possibilitaram a organização dos canais em rede. Surgiram novas emissoras (TVE, Manchete, SBT). E o satélite transmitiu imagens do outro lado do mundo para o Brasil, facilmente. A década de 1990 testemunhou o surgimento e o crescimento da TV paga e da internet e, assim, a disputa com a TV aberta cresceu muito. A qualidade questionável de alguns programas provocou reações do público e dos críticos, e os órgãos governamentais pediram mudanças. Novos rumos surgiram para o sinal aberto com a TV digital, inaugurada em 2 de dezembro de 2007, com um padrão digital nipo-brasileiro: ISDB-T. Hoje já não falamos mais só de HDTV. Pensamos agora em "K" (a ultra-alta definição), ainda a um custo muito alto.

Hoje é certo o debate: se já evoluímos tanto tecnologicamente, será que não é hora de repensarmos o conteúdo de nossa TV? Precisamos pensar em algo constante, evitando o uso das novas tecnologias para garantir sobrevivência à TV brasileira. Repensar o conteúdo: esse é o futuro.

Elmo Francfort é produtor de TV, pesquisador de história das mídias e escritor. Integra a equipe da Associação Pró-TV / Museu da TV e é autor do livro *Televisão em 3 Tempos* (Coleção Pró-TV, Editora In House, 2014).

ÚLTIMO BLOCO

FOTO: DIVULGAÇÃO



RETROSPECTIVA DE LYGIA CLARK

Dois episódios da série Artes Visuais apresentam, neste mês, um panorama da artista Lygia Clark. Os programas mostram a exposição *Lygia Clark: Uma Retrospectiva*, realizada em 2012, com curadoria de Felipe Scovino, que traz a trajetória da artista, desde suas primeiras experiências, na década de 1940. Em 1950, Clark viajou a Paris e, quatro anos mais tarde, participou da criação do Grupo Frente, que reunia nomes como Lygia Pape, Hélio Oiticica e Décio Vieira, entre outros. Os programas também abordam as obras da série *Os Bichos*, desenvolvida por ela na década de 1960 e considerada um marco de sua carreira. **Dias 7/1 e 14/1, às 21h30.** Direção: Cacá Vicalvi. **L**

IMERSÃO OLHO-URUBU EM PORTUGAL

O SescTV participou, no mês passado, do Festival de Cinema de Santa Maria da Feira, em Portugal, com a exibição de sete pílulas da série *Imersão Olho-Urubu*, ainda inédita no canal. Os interprogramas, com duração de 1 a 4 minutos, foram apresentados na Mostra Transversalidades. Com direção de André Guerreiro Lopes, os filmes são resultado de uma oficina realizada em 2014, durante o *Mirada – Festival Ibero-Americano de Artes Cênicas de Santos*, e fazem um mergulho transversal por diferentes conceitos e referências abordados no festival, embaralhando as fronteiras entre o cinema, o teatro, a poesia e as artes visuais. O projeto tem estreia prevista no canal para este semestre.

FOTO: DIVULGAÇÃO



NO BERÇO DA CULTURA POPULAR

A diversidade de referências e origens presente na cultura popular brasileira inspirou o multiartista Antonio Nóbrega a criar o espetáculo *Naturalmente – Teoria e Jogo de Uma Dança Brasileira*, que o SescTV exhibe no **dia 26/1, às 23h**. O espetáculo é composto de coreografias de grupo, solo e trio, intercaladas por conversas com a plateia sobre os princípios de sua dança. “As nossas danças são, na verdade, resultado de fragmentos de danças que foram transplantadas para cá e se desmantelaram. Para nossa sorte, esse desmantelamento não foi capaz de impedir que esses pedaços se colassem novamente, dando origem a novos dialetos de grande riqueza de potencial coreográfico”, afirma Nóbrega. Direção para TV de Walter Carvalho. **L**

SÃO PAULO COMO INSPIRAÇÃO

Programas que trazem uma abordagem sobre a vida nos grandes centros urbanos, como São Paulo, e que inspiraram artistas de diferentes vertentes, em suas criações, são destaque do SescTV no dia 25 de janeiro, data do aniversário da capital paulista. Compõem a programação: o *Contraplano: Cidade Distópica*, às **0h**; o episódio *Biblioteca Mário de Andrade*, da série *Arquiteturas*, às **12h**; o musical *Itamar Assumpção Inéditos*, às **18h**; o episódio *Remédio da Alma*, da série *Temporal*, às **18h**; o episódio *Apartamento*, da série *Habitar*, às **20h**; e o curta-metragem *Cine Camelô*, às **22h30**. Confira classificação indicativa no site.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesc.tv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

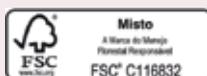
sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães
Redação: Adriana Reis e Luna D'Alama
Editoração: Ana Cláudia Imaizumi Pereira
Revisão: Marcelo Almada

Sesctv

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesc.tv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesc.tv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vídeo com os destaques da programação.

Concerto Primavera Villani

dia 18/2, quarta, às 22h

Site: sxc.hu. Foto: Rodrigo Ortega

Acompanhe o SescTV:
sesc.tv.org.br



Sesctv